



**CON
CURSO
LITERÁRIO
CAP
2022**

Diretoria Cultural
André Sturm e Ana Maria Wey

Produção Executiva
Patrícia Oliveira

Coordenação e Projeto gráfico
HelO Bello Barros

Assessores da Literatura
Carlos Eduardo Cornaccione e HelO Bello Barros

Apoio da equipe do Departamento Cultural

Prezados associados e associadas do Club Athletico Paulistano,

O **Concurso Literário 2022**, promovido pela Diretoria Cultural, reforça o compromisso do clube Paulistano no aperfeiçoamento do ofício da escrita. A oficina de criação literária é gratuita, aberta a todos os sócios a partir dos 15 anos. O Caderno Literário anual, que também será lançado hoje. Além da página do escritor, clube de leitura e o drops_literário.

Vale ressaltar o integral apoio do nosso presidente Eder do Lago aos gestores que tornam possível a continuidade e ampliação de nossas atividades culturais.

As categorias **Conto**, **Crônica**, **Poesia** e **Infantojuvenil**, tiveram nessa edição, 61 obras inscritas. O concurso literário do Paulistano é uma referência para outros clubes.

Vocês conhecerão aqui os vencedores e as obras avaliadas por três nomes de relevância na literatura contemporânea.

Parabéns aos premiados, extensivo a todos os participantes, foram vocês que possibilitaram o sucesso deste concurso.

Uma ótima leitura.

Cordialmente,

Diretores Culturais

André Sturm e Ana Maria Wey

“Foi uma surpresa encontrar textos de tanta qualidade no Concurso Literário do Paulistano 2022”, (palavras do Juri).

Julia Dantas é escritora, tradutora e doutora em Escrita Criativa. É co-fundadora da Baubo, empresa que auxilia escritoras e escritores a levarem adiante seus projetos literários. Publicou em 2015 o romance “Ruína y leveza”, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Seu segundo romance, “Ela se chama Rodolfo”, saiu em 2022 pela editora DBA

Márcia Barbieri é formada em Letras pela Unesp e mestra em Filosofia pela Unifesp. Entre os romances figuram Mosaico de rancores (Terracota, 2013), publicado na Alemanha em 2016 pela Clandestino Publikationen, A Puta (Terracota, 2014/Reformatório, 2020), foi contemplado com a bolsa de tradução PEN America. O enterro do lobo branco (Patuá, 2017), finalista como melhor romance de 2017 pelo Prêmio São Paulo de Literatura 2018 e A casa das aranhas (Reformatório, 2019), finalista do Prêmio Guarulhos e semifinalista do Prêmio Oceanos.

Nathalie Lourenço é publicitária e escritora. Pós-graduada em Formação de Escritores pelo Instituto Vera Cruz. Autora dos livros Morri por educação (Ed. Oito e Meio), Sabor Idêntico ao Natural (Ed. Vacatussa) pelo qual foi finalista do Prêmio Candango e Tudo Meio Horrível (Editora Caos & Letras). Escreve crônicas infantis na plataforma Árvore de Livros.

PARECER:

CONTO

Por narrar com arte, potência e sensibilidade um tema de grande importância, a comissão premia em primeiro lugar o conto **Apneia**, em decisão unânime. Pela trama intrigante e domínio da linguagem na discussão das relações humanas, damos o segundo lugar ao conto **Revelações**. Destaca-se também a inventividade e ousadia do conto **Morte aos Canhotos**, colocado em terceiro lugar. Entre muitas narrativas cativantes, temos o prazer de nomear como menção honrosa dois contos: o surpreendente **Novo Guia do Mochileiro** e o breve, porém memorável, **Pescador Aposentado**.

CRÔNICA

Pela beleza e singularidade das imagens, aliadas à forte carga emotiva e ao cuidado estilístico, a comissão premia em primeiro lugar a crônica **Muito aquém de Bornéu** em decisão unânime. Em segundo lugar, a comissão aponta **Passatempos**, pelo senso de humor e reflexão literária. Na terceira colocação, aponta-se **As Gêmeas**, pela trama instigante e surpreendente. Por fim, de todo o conjunto de textos, embora alguns tenham fugido do gênero crônica, a comissão ressalta a qualidade textual e a originalidade dos enredos.

POESIA

A comissão seleciona em primeiro lugar o poema **A palavra e a cidade** pela primazia na sonoridade, importância da temática escolhida, elaboração da linguagem e excelência no domínio do gênero poético. O segundo lugar fica com o poema **Sentido Contrário** pela força das imagens escolhidas, elaboração da linguagem e o ritmo dos versos. **Telos** ganha o terceiro lugar pela musicalidade dos versos e imagens suscitadas durante a leitura.

INFANTOJUVENIL

Não tivemos número de inscritos suficiente.

CO
N
TOS

PRIMEIRO LUGAR

Apneia

Danielle Martins Cardoso

Nariz afilado de imigrante, terno marrom mal ajambrado, gravata ocre, o pai se ajeita na ponta da mesa, tomando assento na cadeira preta destinada aos culpados. Você pede que ele coloque a máscara e só então enxerga a envergadura dos olhos, faróis em luz baixa, sobancelhas em formato v, agônicas de se olhar, listras rascunhadas em um rosto que murcha e morre aos pouquinhos. A sala é fria, como há de ser um Fórum, mas o sol da tarde tenta, nessa época do ano, iluminar o trabalho vespertino. Você deixa sempre as cortinas arriadas, a luz na tela do computador cega um pouco e você acha bom. Mas hoje uma nesga dourada queima a têmpora esquerda do acusado e em tom crescente pincela o rosto, do cabelo em gel esticadinho faz brilho triste e aos poucos lhe colore o pescoço. Há uma cor perfeita para aflição, remorso, a angústia refletida, assim, em amarelos ouro, limão? Daqui, do altar de excelências – se é – a dor que você enxerga é mesmo amarelo sofrimento? Poderia dizer que o pai-réu se contorce em hepatite, câncer de pâncreas, em amarela inocência? Gritam, as orelhas quase abano? Ele, respira?

7

Quem sabe, senhor Agenor, Gianor, nem mesmo você pode dizer corretamente o nome, talvez já tenha visto sua imagem, um quadro, uma foto, gravuras, um outro julgamento, em tantos outros réus. Já o conheço, homem amarelecido? Então, por que hoje me parece tão aflitiva a sua dor?

Nada mais você pode fazer senão abrir a sessão e bisbilhotar através da tela monitor - modernidade, isso de conversar com telas - a vítima seis anos, sentadinha na cadeira vermelha, o rosto voltado para o chão ocre da outra sala, sim, ela está definitivamente separada do pai-réu, longe dele, guardada na secreta sala do Fórum, reservada para tragédias familiares. Quantos segredos, sala secreta, você conhece? Por favor, me conte nenhum. Os dedinhos enovelados, os pezinhos soltos balançando aflição, Anita, na cadeira terror, não quer falar,

avisa a psicóloga. Ela não consegue mais? Contar de novo, uma vez e outra e essa é a última, sempre prometemos - mas mantemos o retrovisor. Três anos já se passaram, e as memórias, a gaiola processo, a justiça-castigo: recontar, relembrar, reinventar...

Hoje não, Anita. Você, sentada em trono macio, não permitirá que ela engate a marcha à ré do mundo adulto. Vamos liberá-la, você diz, imaginando onde e com quem a pequena permanecerá à espera do término dos trabalhos. A mãe irá depor logo em seguida, o pai cativo na sala de audiências, amarrado ao banco dos culpados, permanecerá calado até que avós, tios, parentes, vizinhos de todos os lados testemunhem algo que, em essência, ninguém presenciou. Caberia assim, à infantil vítima, saciar nossa indecente curiosidade, mas você a observa, e enxerga as rachaduras. Logo logo a pequena despencará, braços já se descolam dos ombros, os olhos afundaram no crânio, a íris sapeca e alegre cedeu espaço para pedrinhas de ardósia, ásperas e de um cinza triste, difícil de colorir. Os cabelos escorrem pelo espaldar da cadeira dura e formam teias nas rendas da blusa furta-cor. Há uma borboleta feia no peito de Anita, em bordado cruz, colorida demais para a ocasião, e estremece o peito, a borboleta, a menina, desistiram todos de voar? O nariz em brasa, os cílios molhados e os pés balançantes de Anita. Não, você firma o olhar, os pés chutam paredes invisíveis. Talvez fosse possível, pequena vítima, derrubar muros e secar lágrimas com o martelo da Justiça, eu te ajudaria, mas posso pouco daqui, desse altar madeira posso nada, de certo não te contaram dos falsos superpoderes.

Éramos uma família, principia a mãe, principiam os depoimentos. Sim, o caminho será longo, a mãe da vítima tecerá seu tapete choro ódio medo, e irá contar que foi a avó quem viu a menina vermelha nas partes íntimas, e perguntou, insistiu, e a menina teria dito para a avó primeiro, no ressentimento materno de mãe, a mãe dirá: a avó vai contar, excelência, ela ouviu tudo de Anita, a esganadura, o dedo lá, machucando virgindades. Ele colocava o dedo lá enquanto apertava o pescoço da menina, ela contou, ela falou desse jeitinho, era dia de visita, o pai veio buscar Anita, ele e ela, ela e ele, sozinhos. E você perguntará, já estavam separados? Sim, no processo de, no tumultuado processo litigioso, a briga pela casa, carro, pensão, ela revelará o divórcio inteiro. E todos falarão, intimidades expostas, uns de como tudo isso é possível, o jeito insistente do pai em apertar a pequena e segurá-la pelo bumbum, outros da boa pessoa do réu, do carinho dele com a filha, a atrocidade, a invencionice das mulheres, tudo por conta de pensão e

partilha, elas querem a pele, os ossos, esquartejá-lo, ele ama a filha, nunca, jamais e haverá assunto, muito, tanto sofrimento.

(há uma receita de sobrevivência: enquanto escuta a sangria familiar, você se distrai, repete, insiste em um lema, um refrão:

no meio do caminho tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha
 no meio do caminho
 no meio do
 no meio
 no
 o
 no
 no meio
 no meio do
 no meio do caminho tinha
 no meio do caminho tinha uma pedra

tecendo, em pontos cruzados, uma espécie de mantra alívio, que te leva para o longe. Um longe sem cheiros e misturas, em suspensão de batimentos, pulmões fechados, acusações, lágrimas, revolta, lar, família, não sentir, não chorar: não respire! não respire! você descobre o segredo para cortar cebolas: apneia).

A morte e suas intermitências. Ninguém morre por inteiro. Assim, de um dia para o outro. As pessoas morrem aos pouquinhos, cai uma folha seca ali, um ramo se quebra lá, o caule engrossa, descasca e começa a envergar. Uma vez você leu, em um livro que brincava de inventariar o azul, que dormir era morrer por algumas horas. Achou bonito. Gostava mesmo de morrer noites inteiras, para ressurgir com o sol, na beleza do amanhecimento, tanta ilusão tem o dia que nasce. Vez ou outra morria minutos após o almoço, depois de um doce bom, sentada no chão banheiro do Fórum, a cabeça apoiada nos braços, uma baba fina escorrendo no cantinho da boca, os olhos esquecidos da luz fantasma, que do lado de fora insistia assombrações.

Há, ainda, a morte das tardezinhas crepusculares, na hora clarice, a mais perigosa, quando o dia vai-se indo indo, a noite faz um chegar sem, há um frio, um calor, um desencontro e você tem receio, nessa hora de pouco chão e muito céu, de tanta cor, e tudo morrendo no rápido da descida, você, com o rosto colado no peito, você não quer escurecer também.

Essa a hora do término dos trabalhos, a última testemunha de defesa e depois o interrogatório. Enfim, ao réu a palavra, ele menos amarelado enquanto o laranja crepuscular toma conta da parede da sala de audiências. Há um quadro bonito, a parede ao fundo, em grossas matizes e a figura réu em destaque, grunhindo um algo silencioso. Você gesticula, você, que precisa respirar, mas tem que orquestrar choros e sopranos, adivinhar sustenidos e afastar bemóis, com a batuta invisível você insiste em algum acorde final: ele pode confessar, ou trazer sua versão dos fatos ou mesmo ficar em silêncio. E o réu-pai então se mexe. Na cadeira azul cansaço, ele já não te enxerga, é perceptível, basta talvez cerrar-lhe as pálpebras e você se lembra dos olhos-anita, aqueles olhinhos pedra – quantas mortes, menina, já carregam? os braços finos, a alma branca, as costas já se envergam sob o peso adulto, o que será, dela, de todos, em havendo condenação, absolvição, alguém renascerá? Há, você presente, uma nódoa, um cheiro estigma, é a vida, que dá com uma e tira com outra, é o réu, que se contorce, que enfia a mão no bolso do paletó, procura com dedos trêmulos, tira de lá um papel dobrado em três. Estica o braço, oferece a missiva. O defensor se levanta, recolhe cerimonioso o papel e o deposita na mesa altar. Veja, excelência, o réu escreveu porque talvez não conseguisse se expressar – ele não te encara, o réu – excelência, a defesa não quer o silêncio e por isso requeiro a juntada da carta...

10

O fundo laranja se foi. A parede voltou ao branco manchado, mas um reflexo dourado se retarda na janela lateral, dança miúdo ali e ainda teima esperar a noite, na tentativa de evitar, quem sabe, mais um desenredo. Um papel, uma carta! Você não esperava e a recolhe, querendo não desdobrá-la. Haverá ali uma nota final, letras em desalinho, palavras digitadas, uma assinatura? É preciso – por demais, necessário – é preciso encerrar. Você e todos se levantam, prontos para guardar instrumentos e assoviar, pelo resto da noite, melodias tristes.

SEGUNDO LUGAR

Revelações

Maria Christina Tibiriçá Bahbouth

Ela costuma sonhar com uma mulher. As duas têm a mesma idade, embora sua aparência seja mais envelhecida. É alguém que nunca viu, com uma expressão entre a calma absurda e a loucura intensa. Algo difícil de ser explicado. Não há nada de banal no rosto dessa mulher que aparece sempre em museus e galerias de arte, com paredes abarrotadas de retratos, óleos sobre telas, enquadrados em molduras entalhadas em madeira. Seus olhos nunca se fixam nos quadros. Param nos olhos dela e nos dos outros transeuntes, uma ave de rapina, que hipnotiza e ataca. Uma Medusa pronta para transformar em pedra tudo o que vê. Por isso a reconhece, tem certeza de que é a Mãe.

No meio da madrugada, ouve na rua a discussão de um casal; um carro sai espalhando as poças da chuva. Escutar tudo, às vezes, é um problema, é saber demais. Levanta da cama com dificuldade. A promessa de perder peso, depois das rótulas operadas, nunca se concretizou. Os joelhos doloridos e a ardência da assadura entre as coxas poderiam servir de estímulo para continuar deitada. Mas está suada e com certeza o ar frio da geladeira será um reconforto. Os pés inchados reconhecem a textura do piso da cozinha. Abre o refrigerador, a luz da porta clareia o nariz achatado e a papada embaixo do queixo. Escolhe o resto de frango do almoço de ontem, a lasanha do jantar. O pedaço de bolo surrupiado da festa de aniversário trouxe na bolsa. Guardanapos, sacos de supermercado e até pequenos potes de plástico são úteis para esses achados, pilhados na última hora. A cadeira da mesa da copa tem um assento pequeno e ela se acomoda com as pernas abertas. A pele flácida da barriga se desdobra cobrindo a vagina. Dois anos sem sexo. Editar as fotos da internet não foi uma boa ideia. Dezenas de experiências frustradas nos encontros por aplicativos a fizeram desistir de qualquer relacionamento. Corta a comida em pedaços grandes, engole quase sem mastigar e mal sente o gosto azedo do creme do bolo que já está passado.

A Mãe fazia um aborto depois do outro. Conhecia todas as clínicas clandestinas da cidade. Ficava grávida constantemente, tinha acessos de vômito que duravam

dias, dores de cabeça, tonturas. Você quer mesmo saber, ouviu a Mãe dizer ao pai em uma das intermináveis discussões, os abortos foram menos dolorosos do que a única gestação levada a termo. A princípio não entendeu que tipo de dor era aquela. Depois teve a certeza de que era incurável e não podia ser abortada. Era uma adolescente alta e magra, com cabelos escorridos emoldurando a pele pálida com algumas espinhas. Não se lembra como tudo começou. Sanduíches, pedaços de bolo, porções de queijo, biscoitos, chocolates ficavam escondidos no armário entre as roupas. A Mãe e o pai dormiam, espalhava tudo na cama, enfiava o que podia na boca. E depois vomitava.

O azedume do refluxo enche a boca. Abre a gaveta da escrivaninha e coloca uma bala sobre a língua. Hortelã mascara o hálito. A luminosidade da tela do computador amortece a penumbra do quarto. Gotículas de suor escorrem pela testa e embaçam as lentes dos óculos. O livro “Revelações” de sua autoria está entre os finalistas. Limpa as lentes com a barra da camiseta; lê a mensagem pela centésima vez. Convite para a cerimônia de entrega do prêmio. 24 de outubro. Coincidência, mesma data, três anos depois. O dia em que levou a Mãe para o asilo. Casa de repouso não é asilo, foi a única opção possível, vivia repetindo para si mesma e para as primas distantes que a Mãe encontrava esporadicamente em casamentos e velórios, embora ninguém estivesse interessado.

12

A casa ficava no limite entre a zona nobre da cidade e a periferia. Tinha sido construída para ser uma escola particular, mas a vizinhança suburbana impediu que o empreendimento vingasse. Dois hóspedes por quarto, pensão completa, banho de sol diário no jardim, sair sozinha só com autorização do responsável. Tudo minuciosamente explicado enquanto assinava o contrato. Aos sábados pela manhã ia ver a Mãe. Levava pijamas e moletons, produtos baratos que encontrava no supermercado. Bobagem gastar dinheiro com roupas, você não vai a lugar nenhum, a Mãe a escutava com desprezo, é melhor economizar para coisas mais úteis, e ficava calada. Se havia sol, dezenas de cadeiras de roda se amontoavam em um quadrado de grama. De longe, pareciam pequenos montículos brancos, como hastes de um cotonete. Imóveis e descartáveis. Nos dias chuvosos, a sala principal ficava lotada. O volume da televisão era tão alto que, mesmo se tivessem interesse em conversar, não conseguiriam se ouvir. Um cheiro de urina se espalhava pelo ar. Impregnava móveis, roupas e pessoas. Ela conversava com a Mãe sobre obviedades. Não tinha muito a contar e a Mãe nunca demonstrava curiosidade por sua rotina, a não ser para descobrir se tinha engordado. Sua obsessão era

reclamar da velhota suburbana que passou a vida limpando bunda de filho e cocô de cachorro, como descrevia a companheira de quarto, e mesmo assim foi jogada nesse buraco. Ela se despedia friamente e prometia voltar no próximo sábado.

As visitas foram se espaçando: aniversário, Páscoa e Natal. A Mãe, às vezes, não a reconhecia mais. Os olhos ficavam vidrados no meio de um ninho de rugas. Pelos lábios comidos, por falta de alguns dentes, a saliva gotejava pelos cantos. Decidiu não vê-la mais. Mandava dinheiro para remédios, fraldas e consultas médicas. A situação não a desagradava. Ao contrário, trazia uma alegria diferente, algo que nunca tinha experimentado.

Foi nessa época que começou a escrever. Não sabia se tinha algo a dizer; falaria sobre o que mais conhecia desde a adolescência. Nada de histórias inventadas, só coisas que existiam nela e tinham a ver com a memória. À noite se revezava entre o computador e a geladeira. Vasculhou todos os detalhes sórdidos, que se cristalizaram em palavras e comida. E quando terminou se escondeu sob um nome muito diferente do seu, não queria que soubessem quem havia escrito aquelas coisas tão impiedosas. O livro foi um sucesso. Em algumas semanas estava na lista dos mais vendidos. A editora sabia que ela escrevia sob pseudônimo e não aceitava contato de forma alguma. Entrevistas só por e-mail sem direito a perguntas relacionadas à vida pessoal.

Ao ouvir o toque do celular se surpreende por alguém ligar tão cedo pela manhã. É do asilo. A Mãe tinha falecido durante a madrugada. Infarto, a voz do outro lado parece cheia de pena e constrangimento, morreu dormindo. Quando chega, os funcionários já haviam providenciado a organização do velório. Parecem solícitos e prestativos. Nunca tinha visto a maioria deles. Ninguém acha estranho não querer se despedir da Mãe. Faz quase dois anos que a encontrou pela última vez.

A sala do velório tem paredes caiadas de branco. A única abertura é um vitró basculante de alumínio com insetos mortos presos no vidro. A coroa de flores encostada no canto esquerdo da sala tem uma faixa branca onde se lê “Saudades eternas de sua filha”. A Mãe não era atea, mas em vida nunca tinha pensado em religião. Mesmo assim ela chamou um padre que agora reza. Ele tem uma voz especial que não combina com seu rosto. As palavras das orações são repetidas pelos poucos presentes: as primas, a velhota suburbana companheira de quarto, funcionários e hóspedes do asilo. Todos apertam sua mão e a abraçam calorosamente como se o momento tivesse criado algum tipo de intimidade.

Depois saem em cortejo pela viela esburacada do cemitério. Empurrado por quatro homens, o carrinho leva o caixão até um enorme quadrado de mármore negro. A pedra é ladeada por dois anjos esculpidos em bronze. Ela admira a beleza da obra. As asas abertas parecem ondular com o vento. Têm as mãos estendidas um para o outro e seus dedos quase se tocam. Os lábios semicerrados esboçam um sorriso malicioso. Uma cena lúdica: parecem irmãos, crianças entre três e quatro anos, brincando. Ela nunca teve irmãos, ignora esse tipo de cumplicidade. Só conhece nascimentos malogrados. Agora as imagens se sucedem rápido. Os homens descem o caixão, ouve-se o barulho das pás tocando o cimento, um cheiro de terra úmida se espalha e as flores são depositadas sobre a lápide negra. As pessoas se despedem. Vê os dois anjos olhando para ela; fazem um sinal com a cabeça, como se dissessem alguma coisa. Pode ir. Está livre, nada mais te retém. Acabou.

É fim da tarde quando entra em casa. Para ela, era sempre a hora mais difícil. Mas hoje não. É como se durante todo o tempo tivesse esperado por esse dia, por esse minuto. Que importa a barriga flácida, a assadura entre as pernas, os pés inchados, o mau hálito? Nada. Só quer estar ali. Liga o computador, relê a mensagem e decide comprar um vestido novo para a entrega do prêmio.

TERCEIRO LUGAR

Morte aos Canhotos Pedro Fleury

A repressão chegou ao seu auge naquela tarde de quinta-feira, quando as tropas cercaram a cidade, impedindo a saída de pessoas sem a devida verificação. Há semanas eu estava escondido na edícula de propriedade da tia Francesca. Além do medo, minha única companhia eram os biscoitos amanteigados que ela me servia todos os dias pela manhã junto com a garrafa de café. — A coisa vai melhorar, tenha força, Mario — ela repetia. Eu estava liderando o grupo de rebeldes que se insurgia contra o Movimento da Supremacia Destra (MSD), aquele que tomara à força o poder, substituindo o estado democrático. Os extremistas queriam impor a ideia de supremacia dos destros, em detrimento dos canhotos. Eu, canhoto, não podia aceitar. Aliás, os canhotos que se juntaram à luta estavam firmes na ideia de resistência. Não teve jeito. Uma delação de um vizinho fez com que minha fuga fosse imediata. Vaguei pelos becos de Trastevere, até chegar perto da Basílica de Santa Maria. Quase não havia mais lugares seguros em Roma. Fumei o último cigarro com minha mão esquerda — a mesma amarrada quando eu era pequeno e me forçaram a agir como destro, tentando me convencer o quão feio era ser canhoto. — Suava frio, estava esgotado e com vontade de desistir da minha vida transgressora. Acabei encontrando uma oficina abandonada, cuja porta estava arrombada e o acesso praticamente livre. O lugar estava saqueado e apenas materiais de pouco valor encontravam-se jogados pelos cantos. Não consegui descansar nem vinte minutos quando ouvi: Cercate quello stronzo. Comecei a sentir cada vez mais perto a sonoridade infernal dos passos dos soldados. Uma gota de suor percorreu por completo a linha da coluna e as pernas tremiam, refletindo meu desespero. Apanhei uma pequena serra que estava na prateleira e a apoiei sobre o punho esquerdo. Antes de iniciar a extirpação do meu famigerado título de canhoto, roguei ao nosso santo padroeiro: “São Bartolomeu, desgraçado, me

ajuda!”. Assim que os dentes da serra começaram a cortar minha carne, passei a desconfiar que o santo não me ouvira. Achei que a dor não podia piorar, quando, então, senti a raspagem do osso.

...

O céu de Roma nunca amanhecera tão lindo. O ar parecia mais fresco, sem o peso exercido pela respiração das tropas. Ao menos para mim, um ex-infrator, a vida seguiria em paz. Entenda isso como um disfarce definitivo, pois não desistirei de lutar pela causa, afinal sempre haverá canhotos. E isso nenhuma ditadura poderá resolver. Mas resolver o quê? Não tem lógica discriminar alguém pelo simples fato de ser canhoto. E, por acaso, discriminação tem lógica?

Todos estavam apreensivos desde o rompimento da ordem democrática. A vida, tanto dos canhotos, quanto dos destros, mudara de forma abrupta. Evidentemente que os destros – como é o meu caso – apenas tinham incômodos leves, como as constantes abordagens para verificação da mão predominante; já os canhotos eram detidos e, em alguns casos, condenados à morte. Há dois meses, recebi a visita do capitão Giancarlo, do Movimento da Supremacia Destra (MSD) e comandante da operação de captura dos canhotos. – Bom dia, dona Francesca. Sabe quem sou eu, não? – apenas meneei a cabeça. – Pois é. Sei que o seu sobrinho Mario é líder dos rebeldes e está causando grande dor de cabeça pra gente. Temos suspeitas de que a senhora é cúmplice dele, posso prendê-la a qualquer momento – fiquei catatônica com a ameaça. – Entretanto, como sou justo, posso fazer um acordo para que isso não aconteça. Nos entregue o Mario, vamos detê-lo e vou convencer o general a não o sentenciar à pena de morte. A senhora pode convencê-lo a ficar uns dias aqui e, quando perceber que ele está relaxado e desatento, ligue pra gente, viremos imediatamente. Cumprida sua parte, nunca mais vamos te incomodar. – Não vi alternativa senão a de aceitar o acordo. Precisava salvar a vida do meu sobrinho. O convenci a se refugiar na edícula da minha casa, sem dar pistas de que o entregaria. Ele estava esgotado e extremamente agitado. Após algumas semanas, com muitos agrados e biscoitos amanteigados, observando seu estado mais sereno, deduzi que seria a hora certa de delatá-lo aos extremistas. – Tia, ouvi barulho na porta da frente – disse Mario observando pela cortina. – São eles, cazzo, são eles. – Com lágrimas nos olhos, não pude confessar minha participação na emboscada. – O vizinho deve

ter feito uma denúncia, fuja pelo muro detrás – tentei amenizar minha traição. E lá foi ele, conseguindo se livrar da prisão, não sem antes me mandar um beijo carinhoso. – Te amo, zia. – Quando eles entraram, eu estava no chão, aos prantos. O sentimento de tristeza me esfolava por dentro. – Cadê o menino? – inquiriu o capitão Giancarlo. – Fugiu. Suspeitou da presença de vocês e fugiu. – Bugia, vecchia. Você vai no lugar dele.

...

Não pude mais ver o céu de Roma desde então. Aliás, daqui onde estou não consigo ver nada. Me arrependo e espero um dia poder de novo me comunicar com o meu menino. Eu era a única parente que havia sobrado da família, o porto seguro em que ele sempre pôde confiar e das poucas pessoas que não o discriminavam por sua condição. Depois de fuzilada, basta eu pedir a São Bartolomeu que cuide do meu canhoto favorito, meu doce Mario.

Finalmente havíamos tomado o poder. Os canhotos estavam sentindo nossa superioridade. As tropas estavam em êxtase ao ver como se curvavam ao poder dos destros. Àquela altura, porém, alguns rebeldes começaram a nos incomodar, em especial o tal Mario, canhoto nojento, que insistia em incitar a resistência. Elaborei um plano para capturá-lo. Fui à casa da tia, uma velha chamada Francesca, que logo se assustou com a minha presença. Propus um acordo: ela atrairia o verme e o entregaria, a não ser que quisesse ir presa no lugar dele e, quando o encontrássemos, o rapaz iria direto ao paredão de fuzilamento. Aliás, eu adoraria fuzilá-lo pessoalmente. A velha aceitou o acordo, trairia o sobrinho em troca da liberdade e da vida dele (acreditava ela). Nossa central delatária recebeu a ligação de Francesca algumas semanas depois. Chegamos à casa com cautela para não chamar atenção do rebelde, mas um dos meus soldados de confiança acabou esbarrando o fuzil no portão, causando ruído. – Porca miseria, Giuseppe, vai estragar toda operação. – Não deu outra, o procurado saiu em fuga. Além do barulho, desconfiamos que a velha tenha se arrependido e auxiliado na escapada. Vi uma bela oportunidade: prendê-la e usá-la mais uma vez para capturá-lo. A colocamos na cela mais suja, fedorenta e úmida do quartel, onde o cheiro de fezes humanas subia do ralo diretamente ao ambiente e roedores caminhavam pelos canos. – Ela não vai resistir, Giuseppe, vai delatar o sobrinho mais uma vez. – Dias após, já havia me cansado da teimosia da velha quando o serviço de inteligência

localizou o rebelde. Estava sem o punho esquerdo, pelas regras do MSD não podíamos fazer nada contra ele. Não tínhamos provas a respeito de sua ligação com os rebeldes desde que extirpara seu membro e passou à nova condição de “não canhoto”. – Foi sua tia que te delatou e agora ela está presa. Já que você se regenerou, vamos soltá-la. – O rapaz ficou incrédulo: – Isso não pode ser verdade – gritou. Conteí detalhes da casa e da conversa que tive com Francesca há alguns meses, inclusive descrevi o gosto peculiar dos biscoitos amanteigados. Mario percebeu que eu não estava mentindo. – Então pode matá-la, não preciso do amor de uma traidora. – Sorri e cumpri o desejo do garoto. – Sparare!

...

O odor de sangue pairava sob o céu de Roma. Uma centena de mortos e muitos detidos, os rebeldes não tinham mais a força de antes e Mario cansara de lutar. A supremacia destra havia vencido... não fosse o golpe que viria. Os ambidestros tomaram a cidade com armas de alta tecnologia. Agora preso, sei que nem São Bartolomeu vai me ajudar, de tanto que o profanei por ser o padroeiro dos canhotos. Perdemos a batalha... mas ainda não é o fim da guerra!

MENÇÃO HONROSA

O Novo guia do Mochileiro

Ricardo Lahud

O antigo guia do mochileiro do Brasil indica o trem como a única opção de transporte entre Sant’Ana das Águas Limpas e Carvalho do Sul. A última edição do velho guia foi publicada antes da falência da gloriosa CFZM, Companhia Ferroviária da Zona da Mata. Alcanço as ruínas da estação de trem de Águas Limpas e, tendo os trilhos como norte, caminho em busca de Carvalho do Sul. São vinte e sete quilômetros, indica o livro.

O primeiro estranhamento ao pisar em Carvalho do Sul é o gramado. Saio de mato alto e denso, infestado de carrapatos, caio na perfeição de um jardim inglês, com diminutas flores brancas e amarelas ladeando os trilhos.

A estação ferroviária, em condição de recém inaugurada, pintura nova sem qualquer mancha de óleo ou acúmulo de poeira na plataforma, está trancada. Imagino um museu próximo da inauguração. Fuço, refuço, deserta.

O caminho até o centro da cidade é de pedras, como as estradas do Império Romano. Para os pedestres, placas de grama de um metro de largura, lisas, limpas sem falhas ou buracos. Do lado externo de tão cuidada calçada verdejante, uma luxuriosa mata nativa, onde se vê, lá e acolá, tucano preguiça sagui.

O silêncio é absoluto, sem o canto de grilos sapos passarinhos ou vira-latas. Até o abrir e fechar das frestas nas poucas casas no trajeto, de modo a espiar o estranho, é mudo. Diminuo o ritmo das passadas ao alcançar a praça central para admirar os arbustos esculpidos na forma de diminutos monstros, dragões e quimeras. Enquanto admiro a arte nativa, a Autoridade vem ter comigo. Um homem muito alto, com feições pacíficas, se apresenta como o prefeito, o juiz e o delegado da cidade.

– Posso ajudar?

– Tenho fome. Não como desde ontem cedo. Também preciso de uma cama para uma noite ou duas. A empresa paga.

A expressão de decepção do prefeito é plena. Para meu pedido franco e inesperado, ele não tem resposta pronta.

– Não há um Bed and breakfast, uma pensão que seja?

– Como achou a cidade? Perdeu-se?

– Segui o mapa.

– Carvalho do Sul não está no mapa.

– Está no meu. Retirei o guia da mochila e o mostrei.

– Este livro tem mais de 50 anos.

– A editora está trabalhando numa edição atualizada. Não mais em papel, é claro.

– E Carvalho do Sul estará na edição?

– Veja o que diz sobre pousada e alimentação na cidade: “O hotel Trem Bão junto à Estação Ferroviária possui quartos pequenos escuros caros demais para o péssimo serviço que oferece aos desavisados hóspedes. A pensão de Dona Lola é limpa e a comida decente, mas tem poucas vagas. Em caso de emergência, procure a Casa da Lua Crescente, a comida é melhor, os quartos são ensolarados, mas a diária é de apenas oito horas. Há moças atraentes oferecendo companhia. Dona Santinha, a proprietária, oferece lençóis novos por um extra, compre.

– O hotel fechou e foi demolido. Dona Lola morreu, suas filhas partiram quando a ferrovia faliu. A casa das moças não funciona mais. Um casal vive no imóvel. O senhor pode comprar mantimentos no mercadinho do Elias. Eu o levo a uma casa deserta onde poderá se lavar comer dormir. Não há geladeira ou fogão. O senhor precisa sair da casa, e da cidade, na primeira luz.

– Agradeço, Delegado. Não peguei seu nome.

– Qual o seu destino saindo daqui?

– Vou seguir a linha férrea à pé, até encontrar uma cidade maior.

– É uma boa ideia.

– Sabe onde posso carregar meu celular?

– Tenho tomada que funciona na prefeitura, mas não há sinal de operadora alguma na cidade.

– E telefone fixo?

– Só um. Na Telefônica. Acho que Sônia está trabalhando agora. Capaz de ter tomada lá, também.

- Vou lá ver. Só mais uma pergunta, Senhor Prefeito. Há 62 anos, eram 34.875 habitantes. Quantos são agora?
- Duzentos e doze. Todos funcionários públicos ou aposentados.
- Crianças?
- Não há crianças em Carvalho do Sul.
- Obrigado, Meritíssimo.

Fácil de localizar, me sento na escada de concreto que leva ao prédio envidraçado da Telefônica. Percebo uma movimentação nos quintais, um vai volta cochicha, até que a jovem senhora, de uniforme passado, perfume exagerado e maquiagem caprichada, me chama com um sorriso para entrar. Aponta o box com o aparelho negro de discar. Ao invés do som da linha, ouço sua voz perguntando cidade e número.

- A cobrar?
- Sim, por favor.
- Ninguém atende.
- Eu também não atenderia. Pode me indicar o caminho até a loja do Elias? A fome já dobrou a esquina.

21

No mercado, compro um pão italiano, um pote de sardela caseira, um pedaço de queijo, e uma garrafa do tinto gaúcho famoso por deixar a língua roxa. A auto-ridade já deixou tudo pago. Ah, se eu soubesse...

Elias me conduz ao endereço indicado pelo prefeito. Na cozinha limpa, fornida com pratos e talheres, antecipo os sabores. Fome é o melhor tempero. Depois da siesta na poltrona da sala, estudo o risco de enfrentar a escada estreita no escuro para alcançar quarto e banheiro no andar de cima. Uma voz feminina com forte sotaque francês me chama do alto da escada. Nem tão jovem feições agradáveis corpo esguio voz de sereia. Traz vela acesa equilibrada num pires.

- Não vai subir?
- Quem é você?
- Milla.
- Mora aqui?
- Non, bobinho. Vim fazer sexo com você.
- Oi?

– A cidade não gosta de estranhos circulando por aí. Me pediram para te deixar ocupado durante a noite.

– E o que você acha disso?

– Você tem uma figura agradável. Eu adoro sexo. Faz tempo que não faço. Mas se não se sentir confortável, posso ir embora.

– Não é isso.

– Não seja tão desconfiado. Não corre perigo comigo. Eu sou boa.

– Boa?

– Em muitos sentidos. Allez!

Milla me esgota como há tempos, retribuo no máximo das minhas habilidades e energia. Ainda estamos nos desafiando quando a claridade invade as aberturas da persiana. Ela tira, de algum lugar secreto, um inesperado baseado e o acende no toco de cera moribundo. Depois de três ou quatro tragadas compartilhadas, solta a bomba: a cidade esteve reunida na igreja a noite toda para definir se confiam em mim e me deixam tomar o rumo planejado, jurando segredo, ou se me levam à força para seu planeta natal, na Galáxia de Praxedes.

22 Ao ver meu rosto branquear como se lavado com água sanitária, Milla se contorce em sádica gargalhada.

– Você acreditou! Que tolice. Não percebeu a piada? Qualquer criança zelariana sabe que não há vida na Galáxia de Praxedes.

Neste instante, ouço o juiz bater na porta. Milla não está mais no quarto, saiu flutuando pela janela.

MENÇÃO HONROSA

Pescador Aposentado Heloisa de Queiroz Telles Arrobas Martins

O que fazer com tanta paciência?

CRÔ
NIA
CA

PRIMEIRO LUGAR

Muito aquém de Bornéu

Helen Mara Rodrigues Fadul

Tem sido demorado começar a primeira linha e a sequência de quatro verbos, uma indicação da contagem gota-a-gota, coisa miúda demais e desprovida de vida mesmo. Coloco a data e é a única certeza; então, começo a perder tempo e caçar moscas que aqui nem há. Dentro, pequenos núcleos encapsulados, também já desprovidos de vida, retornam de quem se foi para o lugar de mim onde nasceram. Perdi meu pai há poucas semanas.

Hoje eu quis escrever um poema e o escrevi na minha cabeça, mas havia trânsito, eu dirigia as crianças e o perdi também. Perdi o poema para o meu pai na Avenida Brasil, logo depois de ter cruzado a Rebouças, quando eu dizia da altura do meu amor: a vida ganha uma nova perspectiva com a morte, perspectiva que deveria ser atualizada diariamente, antes, mas só ocorre quando morre-se em alguém, quando seu nome morre dentro da voz que emudece e não mais.

Há, então, uma alteração nos tempos verbais de que a linguagem não se apropria, um tipo de presente pretérito imperfeito ou presente imperfeito do futuro, nessa ausência. Eu não saberava dizer, não saberaria.

Estou usando óculos inapropriados, comprados numa banca de jornal ainda não consumida pelos empreendimentos que prometem devorar o céu do bairro. Estou usando um caderno inapropriado para os sons que eu gostaria de emitir, imitando o canto dos macacos de Bornéu. Alguns deles se desfizeram das famílias, dos grupos em que costumavam se tocar uns aos outros, o tempo todo, caçando bichinhos sob os pelos. Abdicaram da ternura e aprenderam uma vicissitude: a solidão.

De qualquer maneira, a solidão que alguém pode entrever no olhar do macaco, nunca será de fato a do macaco, mas a própria. É a pena desse alguém, acompanhando no programa da tevê os desenvolvimentos solitários desse animal,

não será nada além do reflexo da própria pena. Pode ser uma evolução a vida feita a sós; parentes que desaparecem pouco a pouco, como órgãos ou apêndices, ao longo de séculos de desuso. Luto em desuso.

Gosto de ver a floresta, a selvageria esquecida, existindo no mesmo planeta em que vivemos. Será mesmo verdade? É difícil acreditar, tudo o que meus olhos alcançam tridimensionalmente está domesticado, mas tenho guardada sob as pálpebras a capacidade da esperança.

Começo a ter uma leve dor de cabeça que aponta para a precariedade das lentes e minha criança surge dizendo que se considera pronta para a primeira excursão de uma noite longe, com a escola. Estremeço, prefiro voltarmos ao isolamento.

Miocárdio maquiavélico.

A vida haverá de tomar conta da nossa liberdade.

SEGUNDO LUGAR

Passatempos
Hans Freudenthal

Aposentadoria! Palavra mágica. Fim das correrias, tensões, trânsito, computadores, responsabilidades, discussões. Agora só liberdade. Libertas quae sera tamen.

Mas a Dra. Sigismunda, minha psicóloga e conselheira, há longo tempo vem admoestando :”Cuidado, Alcebíades, muita cautela. Encontre alguma atividade, um hobby, um só, senão vai dar tudo errado.”

– Como assim, tudo errado?”

– Tenho observado que nesta nova fase as pessoas se largam completamente. Tive vários casos. Elas não têm motivação, comem e bebem demais, ficam obesas e preguiçosas, passam o dia inteiro na frente do televisor, não tiram mais o pijama, e logo morrem de enfarte. Falta de metas, de objetivos. Eu detestaria vê-lo assim. Ache uma ocupação que lhe dê satisfação, alegria.”

–Tessão.

– É isso aí.

E agora? Me lembrei daquele sonho de, um dia, escrever um livro. Já tinha a experiência de publicar alguns textos sobre minhas viagens no jornalzinho da empresa. A turma gostou. Especialmente as aventuras em Portugal onde os lusitanos sempre interpretam tudo ao pé da letra. Eureka! Serei escritor. Quem sabe ainda serei famoso.

Então aceitei o convite da Veridiana de acompanhá-la numa das reuniões semanais do seu grupo literário no Instituto de Cultura. Na turma havia dezoito mulheres, bonitas, bem vestidas, inteligentes. E só dois homens. Mais a orientadora, D. Darcy, famosa escritora de várias obras sobre lesbianismo heterossexual.

O tema para a lição de casa era sincronismo. Eu não tinha ideia do significado

disso. Aí começaram as apresentações do que o pessoal escreveu durante a semana. Oito mulheres leram suas versões sobre o assunto em pauta. Nenhum homem. As obras incluíam muitos termos sofisticados, como dobra híbrida do precipício, diálogo intrincado de suspiros, negritude de soturna mortalha, orvalhando furdúncio estapafúrdio, chispas exógenas de credices, desintegrando exorcismos do alvorecer. Ufa! A professora considerou os textos excelentes, talentosos, inigualáveis. Quer publicar tudo.

Mas eu não estava entendendo nada. Nada. Poderiam ter falado em chinês que não faria diferença. Continuei ignorando o que é sincronismo. Deu para notar que a ênfase estava na forma, na construção e na lapidação das frases. Pirotecnia pura. Já algum enredo ou conteúdo não importava; aliás, na maioria faltava totalmente. Após aquelas três horas infundáveis, exausto, vesgo e tonto, eu mal consegui chegar à porta da saída. Nem esperei pela Veridiana.

Logo no dia seguinte entrei num curso de jardinagem.

TERCEIRO LUGAR

As gêmeas

Maria Helena Figueiredo Vieira

Eu as via quando vinha chegando em casa. As duas, quase iguais, sentadas no terraço. Elas moravam em frente ao nosso sobradinho, do outro lado da rua, e estavam sempre na varanda cheia de plantas, constantemente fazendo crochê.

Eu aproveitava o final da minha licença maternidade, três meses antes tinha nascido nosso filho. Já tínhamos uma filha, agora com dois anos. Lindos e perfeitos. Felicidade pura. Mas eu andava impaciente e cansada, o bebê chorava muito à noite, pouco ou quase nada dormíamos. Dois pediatras o examinaram e concluíram que estava tudo bem com ele, um prescreveu gotinhas que deveriam acalmá-lo. Só uma fase, logo passaria.

Nada, o choro continuava pela noite, de dia ele dormia como um anjo.

Certa manhã, ao chegar para o trabalho, nossa babazinha foi interpelada pelas gêmeas crocheteiras, “quando desse, eu poderia ir falar com elas?”

Logo atravessei a rua para saber do que se tratava. Elas disseram ouvir o choro do meu filho, noite após noite, e sabiam benzer e acalmar uma criança agitada.

Accitei de pronto e fui pegar o garoto, Fernando como o pai. As duas, gentis e delicadas, trabalharam juntas: enquanto uma segurava Fernandinho no colo, a outra cortava com uma tesoura galhos pequenos de plantas ali do terraço. Com o buquezinho jeitoso ela ia passando essas plantas por todo o corpo do bebê, num tipo de tapinhas, enquanto murmuravam juntas alguma coisa. Fernandinho foi ficando relaxado, as mãozinhas se abriram, os braços caíram ao longo do corpo, elas garantiram que ele não choraria mais.

Agradei, me despedi e no portão uma delas explicou que isso é uma coisa que acontece mais que se imagina, uma pessoa amiga que gosta muito da criança, inconscientemente pode afetá-la dessa maneira. Na hora não entendi bem, depois pensei na amiga especialmente querida que morava no mesmo correr de

sobradinhos que nós. Ela era encantada pelas crianças. Ainda não tinha filhos, tinha loucura para engravidar.

A partir da benzedura das vizinhas conseguimos dormir à noite, e quando, alguns dias depois, minha licença terminou, pude assumir minhas aulas descansada e contente. Fiz um plano bonito de encomendar assinatura da revista italiana *Mani di Fata* para presentear as Gêmeas artesãs finas. Atravessaria a rua e anotaria certinho o nome completo de uma delas. Ideia feliz, mas lecionando em duas escolas, preparando aulas, atendendo as crianças e nas folgas vendo nossas famílias, meses se passaram.

Um domingo, antes do passeio na calçada com as crianças, atravessei a rua para convidá-las para o aniversário de um ano do Fernandinho. Então vi a placa de *Vende-se na casa das Amigas*. Para onde elas teriam se mudado? Entrei junto com uma família que visitava o imóvel; o capricho em tudo fazia com que as pessoas, embevecidas, desejassem fazer ali sua moradia: o piso brilhante, as cortinas debruadas com crochê, as plantas viçosas, os móveis de fino gosto, em tudo o cuidado das moradoras. Como se alguém ainda vivesse lá.

30 Perguntei por elas. O corretor me informou que a casa estava vazia há quatro anos. As Senhoras, realizando um sonho de vida, foram fazer uma viagem à Itália, – você vai se lembrar daquele ônibus de turismo que despencou no precipício, nem é bom lembrar!

Agora, só agora, os sobrinhos puseram a casa à venda.

PO

E

SIA

PRIMEIRO LUGAR

A Palavra e a Cidade Lilian Dora Gattaz Correia

eu vi a cidade das construções impossíveis
o aço o cimento o bagaço das tradições devassadas
eu vi a cidade sem rumo no lodo das calçadas sem guias
e veria pedrinhas de brilhante nos olhos da ciranda,
se essa rua fosse minha

eu vi afluentes de palavras interditas pelas marginais de mão única
e vasilhames plásticos surfando águas de cristal boêmio
eu vi memórias arranhando céus submersos no esquecimento
vi o eterno do tempo nas planícies calvas
e a idade dos bairros nas calvícies planas

na cidade que eu vi chove ácido nos semáforos das impaciências
vi o medo desencapado na magreza parda das esquinas
e vi a fome nas saias de organdi pegando pesado na madrugada lilás

eu vi o trem o trilho e a paisagem acelerando nostalgias na janela
vi o muro que era um muro de ninguém e o piche derretendo-se em tédio
vi o remédio nos dentes do moleque pescando dos bueiros o sonho
aprisionado ao meio fio
e ele viu o plexo dos sóis nas horas dilatadas por Saturno

eu vi o olho noturno do POETA se azular dentro da estrela

e a POESIA, na servidão do VERSO,

vê a intransigência conjugada pelo avesso

vê o VERBO regular terminações nervosas no vai e vem dos tempos declinados,

fecunda o POEMA que liberta o fluxo das avenidas interditas

e aguarda o desejo restaurado sobre a linha partida da chegada

amanhece em quase.

SEGUNDO LUGAR

Sentido Contrário

Maria Antonieta Fernandes de Souza

ele em pé ao lado da cama
ela jaz alabastro inerte
partida derradeira jornada alhures
na parede a imagem da cruz
o que veio antes dela e de todos
por ela e por todos promessa de vida eterna
Senhor do começo e do fim

em perspectiva o mito romano de Janusa
dupla face mirando sentidos opostos
porteiro da corte divina apontando a direção
que o caminho de ida sempre encontre o de volta
no eixo de todas as coisas a fiada invisível
o antes para trás o depois para frente
alinhamento do tempo indivisível

na face que mira atrás o salto temporal
da pedra imóvel ao sopro divino
a finitude retrocede flui em redemoinho
o elemento vida transmutado em circuito de sinapses

corpo mente espírito ondas de polifonia
pulsação no peito sentimento compartilhado
prazer e gozo labuta e dor fatos e fado

ele em pé ao lado da cama
no centro de tudo o movimento pendular
do arrebatamento ao ciclo da origem
a urdidura da trama a travessia dos anos
a estação da maturidade o vigor da juventude
florada adolescente sementeira meninice
até o berço do grão.

36

na face que mira adiante a dissipação da matéria
expande aleatória espontânea no caos passageiro
flutuante num bailado alegoria luminar
alumiando intermitente
na cauda láctea no manto do céu
plasma na dimensão da entropia
até virar pó estelar

TERCEIRO LUGAR

Telos

Helen Mara Rodrigues Fadul

Removam os alvos
A bailarina se cansou
De acertar e errar
Se cansou das linhas
Circunscritas
E do ponto central
Hipnótico
Prefere deixar escondido
O que é sagrado
Seus anjos
E as palavras intranquilas
Sussurradas do alto
Sempre do alto
De algum último andar
Para dentro dela
Para um outro ponto
Central
Onde encontram ressonância
Numa conversa
Que se igualaria

Ao som das teclas pretas
De dois pianos
Tocados por crianças
Apenas as pretas
Duas crianças
Numa conversa
Sobre o sentido do toque
e a liberdade de usar as mãos
Enquanto a noite
De segunda-feira
Se desfaz
Em promessa
De que todo telos
Seja impermanente

[ela me disse:
para sempre
amarei meus amores]

Os textos aqui apresentados, são de responsabilidade dos escritores.

20 de outubro de 2022
fonte: bodoni 72 e